

IDENTIDADE É PERFORMANCE?

PEDAGOGIAS DO PASSADO PRESENTES

Olhamos para o passado e vemos o presente das instituições de ensino superior em Portugal, e(m) (neo)colonialidades, reflexo de práticas quotidianas de discriminação racial e xenofóbica, que criam barreiras (meta)físicas para entrada e permanência de pessoas diversas em seus espaços.

Aqui trazemos uma fotografia gentilmente cedida pela Sra. Cláudia Henriques, presidente da Associação Luso-Africana Ponto nos Is, que revela a sub-representatividade negra na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, nos anos 50, onde a Sra. Cláudia esteve como aluna.

A fotografia sinaliza um modelo pedagógico ainda presente, ancorado num passado que (não) se quer manter. Passados mais de 60 anos a imagem é a mesma na Faculdade de Belas Artes do Porto, FBAUP, onde há pouco fomos alunos.

Chegamos na FBAUP em 2013, para estudos de pós-graduação. No primeiro ano de investigação soubemos da existência de projetos em comunidades menos favorecidas de ex-colônias portuguesas. Fomos convidados a ir a uma das ações num país africano, com intuito de desenvolvermos atividades voluntárias junto à comunidade local. Mediamos ações disparadoras do *Laboratório dos Sentidos: exercícios para despertar a alma*, apoiadas na performance art, arte/educação e arteterapia.

Foi um momento de muita aprendizagem, mesmo a organização tendo nos colocado em alojamento separado do restante do grupo que viajara conosco. Esse fato gerou problemas de comunicação, dificultando nosso acesso a programação das outras atividades. Assim, nos debruçamos sobre nossas ações querendo auscultar as inquietações das pessoas envolvidas na formação que havíamos proposto e, por isso, não chegamos a tempo para participar de uma exposição final da qual não tínhamos conhecimento. Tal desencontro serviu para que a organização do evento apontasse nossa atitude como um *mau exemplo*.

Desde então, apropriamo-nos do termo *mau exemplo* como uma lente para lermos o mundo, e conduzirmos nossas práticas artísticas, pelos olhos da transgressão. Depois dessa viagem, descortinou-se o véu que impedia de mirarmos as pedagogias adotadas pela FBAUP e pela UPorto, que comumente envolvem as dificuldades em reconhecer e mudar seus problemas estruturais.

Passados anos, com a finalização de nossas investigações, ainda hoje não compreendemos as ausências no currículo oficial dos cursos da FBAUP de epistemologias, história e práticas artísticas e educativas dos países utilizados como laboratório vivencial de suas pesquisas. Também não entendemos os porquês de haver tão poucos corpos discentes (não-brancos) vindos desses países e nenhum docente (não-branco) a ocupar suas carteiras.



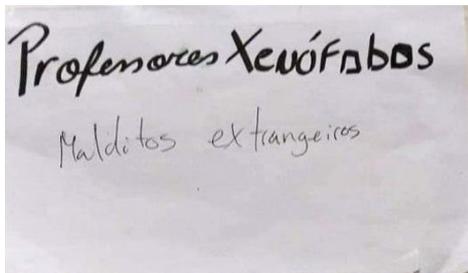
Fotografia inserida na exposição Travessia, Bienal da Fotografia do Porto, 2021.
Acervo: Cláudia Henriques, 1959.

A FBAUP preserva um corpus académico maioritariamente branco euro-centrado, sem qualquer representatividade dos países antes colonizados, implicados em suas. E assume o termo decolonial em suas práticas, mostrando sua contradição, denunciada por um fazer estratificador em vez de uma real ação transformadora para ambos os lados. Permanece um projeto pedagógico de uma política colonial cunhada na xenofobia e no racismo estrutural.

Algumas ações autodenominadas decoloniais funcionam como uma espécie de pedagogia paralela que precisa ser justificada às plataformas financiadoras, para dar conta de uma demanda social que a faculdade não deseja oficialmente se comprometer nem reparar.

Estudantes vindos de países, antes colonizados, ao tentarem estudar na FBAUP e na UPorto, são obrigados/as a pagarem propinas exorbitantemente mais caras que estudantes nativos/as. Países explorados, e estudantes descendentes de pessoas que foram historicamente exploradas, por Portugal, continuam a serem explorados/as em todos os sentidos, enquanto instituições de ensino portuguesas pregam modelos pedagógicos que dizem acolher a diversidade e a decolonialidade em suas práticas. Esse conceito ajusta-se melhor ao modelo neocolonial.

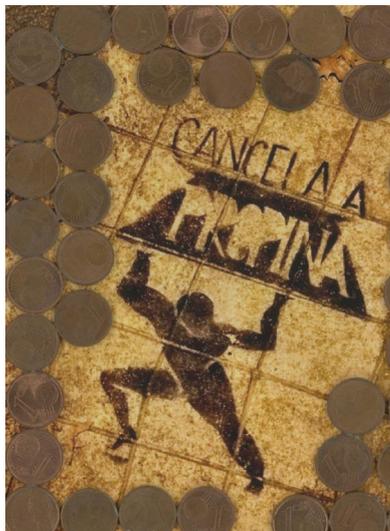
Compondo a camada arqueológica da pedagogia das exclusões, somam-se casos de racismo e xenofobia que vivenciam ordinariamente estudantes vindos de outros países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP. Casos negados e encobertos pelas instituições de ensino portuguesas, denunciando a imagem de um passado encardido que passa em branco.

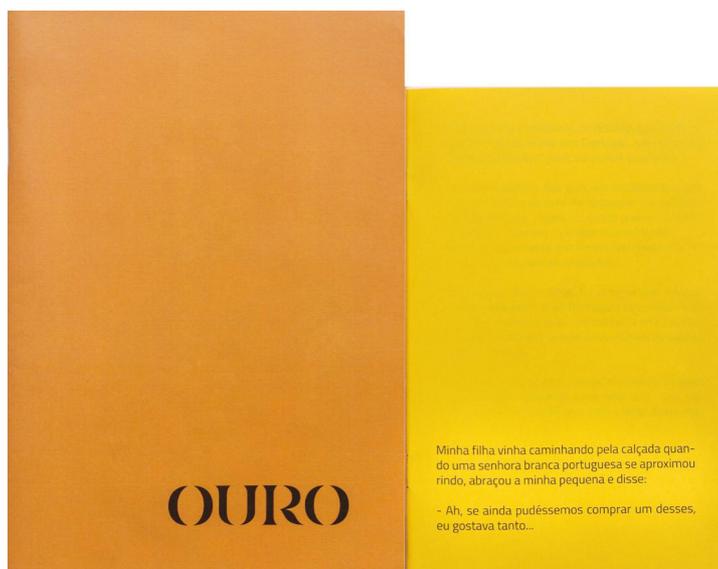


Registro imagético de depoimento presente na intervenção promovida pela AEFBAUP, figurado no fotolivro Ouro, de Maurício Igor, Porto, 2020.

"Alforria", Paulo Pinto, 2021

Intervenção performativa feita sobre stencil do movimento Cancela a propina, nas ruas do Porto. Fotografia inserida na exposição Travessia, Bienal da Fotografia do Porto, 2021.





Fotolivro Ouro, de Mauricio Igor (2020), exibido no Atelier Logicofobista, na exposição Anuário20, Galeria Municipal do Porto, 2021.

Fotografia: Dinis Santos.

Em 2019, a Associação de Estudantes da FBAUP – AEFBAUP provocou uma ação simbólica de partilha pública comunitária, criando um painel, onde discentes poderiam expor insatisfações em relação ao processo de ensino-aprendizagem, por não encontrarem espaço seguro para denúncias na instituição.

A denuncia fixada na parede das Belas Artes atesta casos de xenofobia exercidos numa construção pedagógica que define lugares de poder na relação docente/discente. No dia seguinte surgiu uma resposta anónima que reafirma a continuidade da discriminação e a perpetuação da impunidade em outras relações dentro da comunidade académica.

Mauricio Igor, artista afro-brasileiro, frequentou a FBAUP durante o ano lectivo 2019/2020. No final da mobilidade o artista criou o fotolivro Ouro (2020), um corpus de retratos, imagens dos medias e relatos de pessoas sobre casos de racismo e xenofobia dentro-e-fora do espaço académico.

A criação de Ouro foi confirmada pelos embates que o artista sofreu em sala-de-aula, vendo-se confrontado por meio de falas negacionistas de uma professora e colegas, que duvidaram dos relatos de violência académica e diversas que ele apresentou em seu projeto de pesquisa. Ouro reluz aquilo que a FBAUP tenta esconder, que está latente em suas paredes, do bar às casas de banho, e nas falas docentes/discentes. Ouro é uma tentativa de justiça social diante de uma estrutura que exclui, estratifica e violenta.

PEDAGOGIAS DA PERGUNTA

Para avançarmos nessas discussões, é preciso enfrentarmos os medos do passado e os egos da negação, culpa e vergonha que recaem sobre nós, como cita Grada Kilomba (2019). É preciso reconhecermos o fracasso das pedagogias (neo) coloniais maquiadas pelo modismo acadêmico (pseudo)decolonial. É preciso assumirmos um posicionamento crítico, ético, concreto e transformador, que exige comprometimento das pessoas que estão em lugares de poder e privilégio nos espaços educativos, culturais, artísticos etc., onde fundam-se e replicam-se as exclusões.

Não devemos temer o enfretamento da pergunta de uma pedagogia radical que exige de nós engajamento político que não vacila em ações educativas espontaneistas, mas atua como resposta substantivamente democrática e anti-autoritária, não somente preocupada com questões técnicas, metodológicas e com relações acadêmicas, mas com posicionamento contra a estrutura capitalista, neo/colonial que impera nos espaços educativos, culturais e artísticos (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Precisamos de uma pedagogia de respostas radicais, não apenas pautadas no reconhecimento de fragilidades e autocomiseração subjetivas e institucionais, mas no compromisso com a reparação das violências e exclusões históricas onde se fundaram, e ainda se fundam, os espaços de educação, cultura e artes portugueses.

Assim, provocamos (quem faz) a FBAUP, a Uporto, e demais instituições acadêmicas, culturais e artísticas de Portugal a responderem as perguntas de uma prática pedagógica radical que continua à espera de respostas radicais aos problemas diversos que perpetuam em seus espaços e que necessitam de urgente reparação.

Voltemos ao início. O lado oculto de nossas investigações, que serve de pano de fundo para nossas práticas pedagógicas, artísticas, políticas, relacionais etc., são nossas memórias, que encontram ressonância em outras memórias que pisaram/pisam no chão por onde passamos, e tudo que implica o investigar na FBAUP, e nas instituições portuguesas que ainda se banham em mecanismos coloniais negados por seus agentes.

Esse texto não dá conta dessas histórias. É preciso mais luz para iluminar tantas sombras, mais tinta para enegrecer o branco papel.

Outro dia voltamos à FBAUP para resolvermos uma questão burocrática, e um estimado professor ao nos ver no salão de entrada, soltou: “Vocês falam mal daqui, mas vivem e amam aqui”. A colocação nos causou surpresa. Lembrou-nos da maldita frase: “Volta pra tua terra, pra tua casa”, entoada por xenófobos, racistas, fascistas. Em seguida refletimos que amar e conviver não significa negar os erros. Temos uma relação afetiva com essa casa, com as pessoas que fazem parte,

mas reconhecemos as contradições que permeiam suas estruturas marcadas pela colonialidade e os poucos esforços usados para combatê-la, e quase nenhuma resposta reparadora.

Aqui lembramos ao estimado professor, e a qualquer pessoa interessada, que a história da FBAUP está diretamente ligada à história do Brasil colonial, criado por Portugal. Seu prédio foi construído por um brasileiro retornado, casado com uma brasileira nata aia de D. Teresa, imperatriz do Brasil, que com o dinheiro brasileiro adquirido em lógica colonial conseguiram erguer o palacete onde hoje assenta a faculdade. Ou seja, essa casa também é nossa, casa de brasileiros no Porto. Mas essa é uma outra história que depois contamos.

Talvez seja daí que nasce essa contradição histórica de amor, convivência e negação, pois quando adentramos nos espaços da FBAUP inevitavelmente tocamos nossa ancestralidade e nos reconhecemos, e nos religados a todas as pessoas que foram apagadas da história do Brasil para que a história das artes do Porto, Portugal, fosse forjada, como ainda continua a ser. Até quando?

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maurício Igor, Ouro. Foto livro. Porto, 2020.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano. Orfeu Negro, Lisboa, 2019.

DORI NIGRO – Residente no Porto, Portugal. Performer, pedagogo e arte/educador. Nasci numa família trabalhadora da zona rural e da pesca litorânea do estado de Pernambuco, Brasil. Enveredei pelo caminho das artes através do teatro amador comunitário. Acessei os estudos escolares e acadêmicos por meio de políticas públicas de cotas raciais. Atualmente desenvolvo investigação no doutoramento em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Realizei estudos de mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas pela FBAUP; especialização em Arte Educação; bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Fotografia; e licenciatura em Pedagogia. Sou cocriador, com Paulo Pinto, no Tuia de Artíficos, coletivo de criação e prática artística e do Laboratório dos Sentidos através de projetos nas áreas da arte/educação e arteterapia. Sou membro da União Negra das Artes, UNA. Cocriei, com Paulo Pinto, a performance PIN DOR AMA, sob a curadoria de Cristina Grande e Pedro Rocha, Serralves, 2020.

PAULO PINTO – Brasil/Portugal. Performer/Multiartista, Arte/Educador, Arteterapeuta, Psicólogo, Professor. Pós Doutorando em Arte Contemporânea, Universidade de Coimbra (Antônio Olaió); Doutor em Educação Artística, FBAUP (José Paiva); Mestre/Licenciado/Bacharel em Psicologia; Especialista em Representação Teatral, Arteterapia, Educação, e Abordagem Sistêmica da Família; Licenciado em Artes Plásticas; Licenciando em Teatro. Interesses: Performance/Cruzamentos, Auto/foto/biografia, Memória, Ancestralidade, Cultura Popular, Corpos dissidentes, Decolonialidade, Perda/Luto, Saúde mental. Colaborador no Sintoma (Rita Castro Neves), na Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual (Teresa Eça, Ângela Saldanha), no C3 – Célula de Resistência Educativa e Artística (Jesus Agra-Pardiñas e Cristina Trigo), no Laboratório de Criatividade e Saúde Mental e no Coletivo Tuia de Artíficos (Dori Nigro). Bolsa/ Investigação: Fundação Carolina, Espanha, 2016; CNPq, Brasil/Portugal, 2013-2018. Trabalhos recentes: Palha Encantada, Residência Artística, 2021, Campus Paulo Campus e Silva (Tiago Guedes e Cristina Planas); Pin Dor Ama, Bienal da Maia, 2021 (José Maia), Museu como Performance, Serralves, 2020 (Cristina Grande e Pedro Rocha).